



D. JOÃO E A MÁSCARA: UMA FÁBULA TRÁGICA

D. JOÃO E A MÁSCARA: *Antônio Patrício*.

Com esta «fábula trágica», composta, como *Denise Isabel* e *Pedro, o cru*, em forma dialogal, o A. acaba de obter novo e brilhantíssimo título à consideração do público e da crítica. Inexcedível na beleza da

linguagem, que à profusão de imagens líricas adiciona a música da frase, mais uma vez passa nestas páginas a curiosa figura de D. João Tenório, velho símbolo da cupidez sensual e do cinismo amoroso a que os escritores das mais diversas literaturas não concedem definitivo repouso em seu túmulo. Antônio Patrício interpreta de maneira original o lendário devasso. Apresenta-no-lo no período da saciedade, já quasi ao termo da vida e com o espírito penetrado de ardente misticismo. Atormenta-o o remorso, a renúncia adormentado-lhe o desejo, a face do pecador perde o seu *ricus* diabólico e, olhando a profundidade dos destinos humanos, ali encontra um único vulto para o seu redimido amor — a Morte. Ela, sua última noiva, irá conduzi-lo, contrito e tocado de aspirações religiosas, aos pés de Deus. Finda o presente volume por um episódio de ambiente bíblico, intitulado *Judas*, que, quer pela originalidade do tema quer pelo esmero da forma, — tam rítmica em todo o volume que mesmo a parte da prosa parece verso dissimulado, verso branco dum recorte puro, — casa-se à maravilha com a fábula anterior, um e outra imbuídos dum forte sentido cristão. Almada Negreiros foi feliz na ilustração da capa.

LAURÉIS INSIGNES e UMA TRAGÉDIA FLORENTINA (de Oscar Wilde): *Elysio de Carvalho*.

Dois factores estão retardando, e até ameaçando inutilizar, os melhores esforços para a efectivação do almejado inter-câmbio intelectual luso-brasileiro. Esses inimigos são a nossa fraca moeda e as taxas postais. A primeira priva o nosso público, mesmo aquele que blasona de acompanhar o movimento literário geral, da leitura das obras saídas nas terras lusitanas d'além-Atlântico, o que origina aqui uma bem lamentável ignorância dos progressos, na verdade admiráveis, da intelectualidade dos nossos irmãos de raça. As segundas embaraçam aquela boa camaradagem que deve li-

REPORTÓRIO DE MUITOS E VARIADOS LIVROS

gar os escritores dos dois países, mediante, pelo menos, uma regular permuta das suas obras. Este apartamento, como regra que é, tem as suas excepções e é duma delas que se ocupa esta nota, bem a nosso pesar exígua para a importância dos feitos que regista. Elisio de Carvalho, na posse duma mentalidade robusta e dum vibrátil temperamento de artista, a estes dons acrescenta o do que denominaremos *afectividade lusitana*, visto jámais se esquecer, sempre que sai um seu trabalho novo, de enviá-lo aos seus confrades de Portugal. E, assim, temos aqui duas obras cujas portadas ostentam o seu nome consagrado e amigo: *Laureis insignes* e *Uma tragédia florentina*. Compõe-se aquela de seis ensaios, de carácter histórico e crítico, em que a copiosa erudição, o poder de análise, a magia da evocação, a limpidez do patriotismo e o vigor e a sugestão da linguagem atingem um alto grau.

Uma individualidade literária na madurez dos seus múltiplos e excepcionais recursos é patente em tôdas as suas páginas, em que perpassam aspectos e vultos da civilização brasileira e em que não raro o A. tem ensêjo de prestar justiça à acção colonizadora dos portugueses no Brasil. Um dêstes ensaios objectiva a figura do Marquês de Pombal e aqui o A., francamente apologetico, não hesita em impugnar os juízos de Camilo sobre o célebre ministro de D. José I de Portugal. Provável é, porém, que nem tôda a gente se conforme com o critério de Elisio de Carvalho. O último estudo versa a curiosa feição de poeta luxurioso de Gregório de Matos, cuja musa tanto se aparentou com a do nosso Bocage, estudo muito pessoal nas ideas que o movem.

Em *Uma tragédia florentina*, pequeno drama de Oscar Wilde, o pendor estético de Elisio de Carvalho encontrou a mais propícia aplicação. Difícilmente a um trabalho traduzido poderá ser imposto maior apuro. Jorge Jobim prefacia o volume e, com o comentário lúcido à obra de Wilde, rende homenagem ao subido talento do tradutor. A edição, pertença da «América Brasileira», opulenta-se de magnificas ilustrações de *Di Cavalcanti*, cuja originalidade de lapis se casa às maravilhas com o requinte do texto de Wilde e lhe dá um belo cunho de arte.

O AMOR E O DESTINO e ALMAS INQUIETAS: *João Grave*.

Dois livros novos, ambos compostos de novelas, dêsse escritor que, sem preterir o esmêro de tudo quanto sai da sua pena consagrada, é talvez o mais operoso dos nossos homens de letras. Em *O Amor e o Destino* encontram-se seis belos contos, o primeiro dos quais tem por tema os últimos amores de D. João e os cinco restantes extraem da vida palpitantes aspectos da tragédia e da ternura de que é feita a sua essência. Nas *Almas Inquietas*, volume êste que faz parte da *Colecção Lusitana*, da casa Lelo & Irmão, são quinze os trechos, todos ourivezados na linguagem brunida e dúctil do A., que fala sobretudo às almas dos sensitivos, narrando-lhes as mais das vezes casos

do amor desgraçado. Ler, portanto, êstes dois livros novos do illustre novelista é dar excelente alimento à nossa imaginação.

EPICURISMOS : *Fidelino de Figueiredo.*

Estão em plena voga as colectâneas em volume dos artigos que vão sendo publicados nas colunas do periodismo. O A. dêste livro formou-o com matéria dessa origem e, como o pendor do seu espírito é para os estudos que versam factos e figuras da vida literária, segue-se que, embora o título *epicurismos* insinue variedade aliada a ligeireza, vamos encontrar na suas páginas muita matéria aparentada com a dos seus volumes de etiqueta mais grave. Os artigos aqui reunidos são por inteiro desconhecidos do nosso público, pois saíram em primeira estampa em *O Jornal*, do Rio de Janeiro. «Algumas palavras independentes, amenidades eruditas e comentários leves», eis como o A. define o seu livro. Nada temos que rectificar-lhe. O illustre crítico occupa-se, nalgumas destas trinta e tantas crónicas, de: cosmopolitismo intelectual, Menéndez Pidal e outros vultos das letras espanholas, Molière e D. Francisco Manuel, o americanismo de Gomes Amorim, conde de Sabugosa, Pascal, a triologia de Manuel Ribeiro, etc.. Por êste ligeiro enunciado avalia-se o seu interesse.

CONDE DE SABUGOSA : *In Memoriam.*

Bem andou a livraria Portugália, Editora, em organizar esta homenagem a um dos mais dedicados e probos cultores da linguagem lusitana — o Conde de Sabugosa. Fidalgo na vida e nas letras, a memória que de si deixou é, em tudo por tudo, das mais respeitáveis. Como homem, a lhaneza do seu trato era inexcedível e quem escreve estas linhas pessoalmente o pôde ve-

rificar. Como escritor, ora compulsando os documentos antigos ora olhando apenas os factos e os homens que passaram à sua beira, o autor das *Neves de Antanho* e doutros primores literários deu-nos sempre nas suas obras matéria que instrui, que encanta e que exalta o orgulho dos portugueses. Por isso não sofre dúvida a justiça do preito que pressurosamente acorreram a prestar, neste grosso e cuidado volume da *In Memoriam*, algumas das individualidades mais salientes do nosso meio social, categorizadas nas letras, nas sciências e na política, umas que tiveram a felicidade de privar com o insigne aristocrata, outros cuja opinião se baseia na leitura atenta dos formosos livros dêsse artista-erudito. A edição honra a livraria que a promoveu e nela sobressai, a par da excellencia da colaboração, a copiosa documentação iconográfica. Entre os colaboradores figuram os Reis destronados, D. Manuel II e D. Amélia, que depõem sôbre a feição palaciana do Conde de Sabugosa. Esta é, em summa, uma obra que dá realce a uma biblioteca.

RELANCE DA HISTÓRIA DO JAPÃO : *Wenceslau de Moraes.*

Nas linhas do prefácio, o A. classifica, êle próprio, êste seu último trabalho de «um punhado de noções, concernentes à História de um povo, o japonês, que já hoje não é lícito ignorar por completo.» Não é lícito ignorar seja a quem fôr e muito menos a portugueses, cujos avoengos bem marcados deixaram naquelas exóticas paragens os sinais da sua acção civilizadora. O feiticeiro artista de tanto livro belo sôbre a vida nipônica teve a sua alma lusíada bem presente ao elaborar êste estudo, porque à nossa influência no Japão dedi-

cou alguns dos seus mais extensos capítulos, depois de nos falar do Japão prehistórico, da religião dos japoneses, das invasões mongólicas e de tantos outros factos notáveis da existência daquele activo povo, desde os tempos mais recuados até os modernos e indo mesmo à visão profética, pois o seu XIX capítulo intitula-o *ê O Japão no futuro*. Em apêndice, desenvolve ampla notícia sobre Fernão Mendes Pinto no Japão, em reforço daqueles capítulos em que no decurso da obra tivera ensêjo de pôr em saliência o esforço português. Supérfluo nos parece dizer que tôdas estas páginas são duma leitura fácil, tam translúcidos são sempre os escritos do consagrado escritor. A edição merece elogios pelo seu esmêro. E' da *Marânus*, nova empresa.

IRONIAS : *Valério de Rajanto.*

Sem as preocupações do vernáculo e também sem as de contribuir para a formação da literatura privativa de *jeunes filles*, o apreciado A. de *Os segredos da Águia* e do *Renascer* publicou êste livro, que contém 6 novelas, tôdas elas de sávida leitura. A sua observação é aguda, os entretchos das novelas livres de intenção moralista, colhidos na vida boémia em que os preconceitos teem exíguo lugar e onde os sentidos galopam sem freio, e a linguagem crepitante e desarticulada, num *à vontade* que é forçoso admirar pelo seu tom sugestivo. Os diálogos, sobretudo, denunciam um pulso de homem de teatro. *Ironias* é a primeira novela que, à maneira francesa, empresta seu título a todo o livro. Interessa. Mas *A boneca Pompadour* e *O cabaret de Copenhague* são, para nós, as novelas mais curiosas do volume, ao longo do qual parece passear o galante espírito de Brantôme.

O DR. AUGUSTO CARLOS CARDOSO PINTO OSÓRIO : *Cunha e Costa.*

Um causídico de nomeada, *double* do elegantíssimo escritor, falando doutro homem do meio judicial que foi também um belo espírito, — eis a sùmula dêste opúsculo de 64 páginas, editado pela livraria Rodrigues & C.^a, em que fica arquivado o magnífico, já pela elevação das ideas já pelo elogio da forma, elogio histórico do juiz Pinto Osório, proferido no seio da Associação dos Advogados de Lisboa, em 7 de Maio dêste ano. Sabe-se bem como, sob a pena do A., os assuntos adquirem vivacidade. Daí o encanto com que se lê aqui o louvor da magistratura.

ESTRADA DE SANTIAGO : *Aquilino Ribeiro.*

A pintura exacta de scenários e de tipos do meio rural de mistura com surtos largos da imaginação, eis o recheio do volume, cujo A. fez dêle o escrínio de cinco formosíssimos trechos de prosa desenvolta, cálida, colorida e graciosa, prosa gerada no ventre da cultura clássica que o rude mas sugestivo falar do povo simples tivesse fecundado. Reeditado o livro, o seu texto apresenta alterações sensíveis, das quais a mais notória é a da novela *O Malhadinhas*, ampliada com novo capítulo. Também esta edição alcançou mais um atractivo no desenho da capa, que é de Alberto de Sousa.

PÁTRIA PORTUGUESA : *Júlio Dantas.*

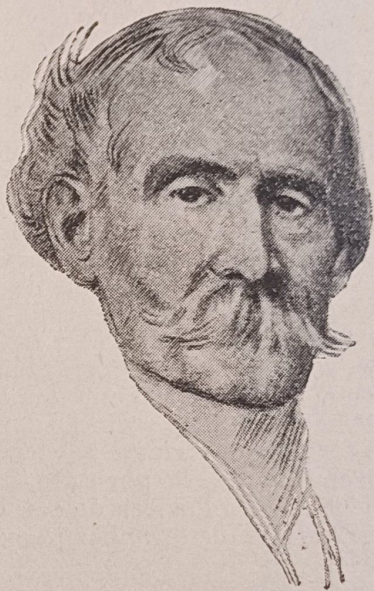
Apareceu a 4.^a edição desta obra, composta de 20 narrativas de ambiente histórico, tôdas exaltando as virtudes da nossa grei. Escrita na linguagem opulenta e florida que é atributo da pena do A., o recorte das figuras que animam êsses episódios fixa-se-nos na retina para sempre. E' a glória das batalhas e o êxtase da oração, a prosápia da sabedoria e da eloquência e a

generosidade sublime dos corações feminis, o denodo e o amor, o heroísmo e a galantaria. Reis, fidalguia, clérigos e a turba anónima movem-se, amam, sofrem, morrem abraçados à cruz ou à espada nestas páginas, que não obedecerão, decerto, ao rigor das fontes históricas mas esplendem de orgulho pátrio e de beleza literária.

OS AMORES DE LATINO COELHO : *Brito Camacho.*

O A., que a política raras vezes consente que desça ao jardim das letras, brindou-nos agora com êste livro encantador, que

é dos que se leem dum só trago. A par duma natural e nítida elegância na escrita, a curiosidade que oferece o seu assunto faz-lhe a fortuna. O título de sobra denuncia o teor. Mas deve-se completar essa denúncia dizendo que o A. veio, nada mais nem nada menos, destruir a lenda dum Latino Coelho tranqüilo sob o ponto de vista amoroso, espírito sem paixões, a quem o belo feminino



João Latino Coelho

(RETRATO POR ANTONIO CARNEIRO)

não tentara além do vulgar. Uma face inédita e surpreendente da psicologia do insigne escritor de tantos volumes vernáculos e eruditos desvenda-se-nos agora de golpe, mercê dêste trabalho de Brito Camacho: Latino Coelho, o espírito metódico e regular, acadêmico e glacial, amou doidamente uma certa Lili, mulher bem mais nova do que êle, a quem enviou cartas cheias duma linguagem ardente e sensual. Esta preciosa série de missivas constam do volume de Brito Camacho, que as vai anotando passo a passo e as toma como pretexto para comentar vários outros casos de amores célebres.

ESPELHOS E VIDRO POLIDO A PORTUGUESA

De BAPTISTA, MAXIMIANO & GARÇÃO, LIMITADA

198, RUA DA MADALENA, 200

Telefone: Norte 3633

Espelhos bisautés, vidro polido para montras, vidros impressos em diferentes côres e desenhos, molduras, baguette, galerias e cordão, vidros nacionaes, cartão, etc.

CARTAS D'EL-REI D. CARLOS I A JOÃO FRANCO CASTELLO-BRANCO, SEU ÚLTIMO PRESIDENTE DE CONSELHO

Após o regicídio, o sr. João Franco enclausurou-se na vida privada, fugindo de comunicar o seu sentir sobre os factos e as pessoas que a sua acção na governação pública tinha trazido à bôca de scena. Todavia, as agruras do seu ostracismo, reservava-se para deixar em testamento os seus juízos de modo a entregar à história, libertas das responsabilidades que muitos lhes imputavam, não só a sua própria memória como a do monarca que servira. E como provas básicas da reparação a intentar, dispunha das cartas, ricas de significação política, que D. Carlos lhe escrevera no período da sua Presidência de Consêlho. Razões especiais, porém, determinaram que êsse *testamento* tomasse avanço sobre a hora da sua morte e ei-lo desvendado nas 300 e tantas páginas dêste volume, em que as primeiras são ocupadas por curto preâmbulo, explicativo da publicação neste momento. A seguir vem a parte mais notável do livro, que consiste numa espécie de perfil político do Rei. «El-Rei» é mesmo o título dêsse extenso capítulo, que lançando através dos seus assertos, muita luz sobre factos mal conhecidos ou deturpados, intenta rectificar os juizos correntes sobre a conducta do monarca, pelo menos no que respeita aos tempos últimos do seu reinado. Será possível que o abalo produzido na opinião pública pela leitura dêste livro origine uma nova *mística* em volta da memória do monarca assassinado, como fermento de aspirações restauracionistas que punham em sobressalto os dirigentes do regime republicano em Portugal? Mais modesto, porém, parece ter sido o objectivo do sr. João Franco: alijar culpas que, em boa justiça, não lhe cabiam e, com o seu claro depoimento, habilitar a história a emitir, num dia futuro, um veredictum definitivo sobre os últimos e agitados anos da política monárquica, em que o destino quis marcar-lhe um grave e cardinal papel. Uma coisa ressalta dêste volume: as suas páginas à sobreposse desmentem a rudeza mental que, forjada por adversários, foi voga atribuir ao sr. João Franco.

Muitas delas dir-se-hiam até saídas duma pena temperada em longa fáina literária. Na íntegra, inserem-se depois as 14 cartas do Rei, passo a passo explicadas

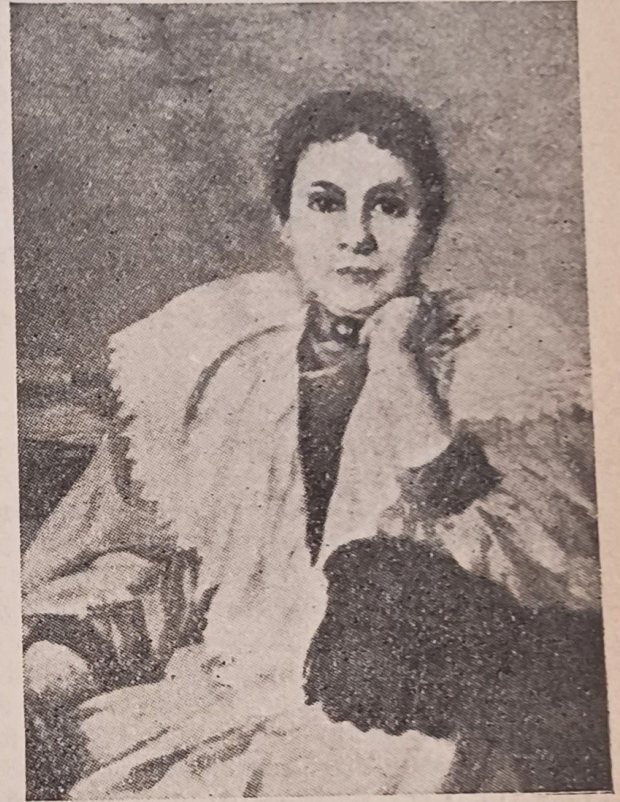
pelo seu destinário, e, por último, publica-se o seu *fac-simile*, que as autentica. Um feixe de notas completa o livro, que é o mais célere êxito ainda registado nos nossos meios livreiros.

ARTE DE VIVER NA SOCIEDADE: *Maria Amália Vaz de Carvalho*.

E' a 6.^a edição dum livro proveitoso para os que, vivendo em meios civilizados, não quiserem, por falta de conhecimento das chamadas *boas maneiras*, atestar que a sua educação é menos perfeita. Certo é que alguns dêstes preceitos já foram banidos mas a maioria dêles subsiste como basilar em cortesia e elegância. As considerações da A. sobre o conceito de *sociedade*, conceito hoje tam viciado, são sobremodo interessantes, pela viveza da crítica. A obra abrange: *Os tipos; Usos, costumes, convenções; A vida quotidiana*.

O DESERTO: *Manuel Ribeiro*.

Célebre pela soma de erudição de arte religiosa nela patenteada e mais ainda pelo que há de símbolo na psicologia do seu protagonista — êsse Luciano que lhe atravessa os três livros e é, do mesmo passo o autor-retrato espiritual do A. e a imagem dos tristes homens



(RETRATO POR VELOSO SALGADO)

da nossa era, caminheiros duma estrada cujo termo desconhecem — a trilogia de romances que colocou o A. no primeiro plano dos nossos homens de letras encontrava-se já há bastante tempo com o seu segundo tomo fóra do mercado. Regressa agora e isto sem dúvida regosijará os coleccionadores da festejada obra, que se supunham condenados a mantê-la truncada. Notabiliza *O Deserto* uma pormenorizada descrição do viver dos monges da Cartuxa de Miraflores, em Burgos.

FIGURAS DE DESTAQUE : *Fialho d'Almeida.*

E' mais um tomo arrancado ao espólio do grande artista das letras. Constituem-no 17 artigos de apreciação a figuras do seu tempo, notáveis na literatura, na política, na música, na sciência e na boémia. Assim, por exemplo, fala-se aqui de Alexandre Herculano, Camilo, Malheiro Dias, Eça, Guiomar Torrezão, Hintze Ribeiro, João da Câmara, João de Deus, Oscar da Silva, Sousa Martins e outros. *Eça de Queirós, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco e Boémios* são os trechos de maior desenvolvimento e em que há páginas admiráveis de justeza crítica.

DISPERSOS : *Oliveira Martins.*

Saiu agora o tomo II desta prestante obra de compilação dos escritos avulsos do A. dos *Filhos de D. João I.* Abrange as secções: *problemas educativos, problemas morais contemporâneos, Espanha e Portugal e Brasil-Portugal.* Além do valor estético de tudo que Oliveira Martins escreveu, como exímio escritor que foi, há a notar nestes artigos a incidência do seu pensamento claro sobre muitos problemas cuja incógnita, tal como no seu tempo, ainda hoje está por achar. O compilador destes *dispersos*, sr. António Sérgio, inseriu no final do volume um feixe de notas suas comentando aqueles artigos que supôs necessários de esclarecimento. A edição, muito cuidada, é da Biblioteca Nacional de Lisboa.

POLÍTICA : *Ezequiel de Campos.*

Reabilita-se no frontespício deste volume esta palavra *política*, tão desvirtuada nos desgovernados tempos de hoje. A política preconizada pelo A., um dos mais bem apetrechados cérebros das nossas sciências económicas, é, de facto, aquela que poderia arrancar do pântano em que encalhou a velha e gloriosa nau de Portugal e pô-la de novo a caminho de um futuro de amplas perspectivas. *Pedras angulares* deste ressurgimento, considera-as o A. existindo na colonização e na educação. O que valorisa, sobretudo, este trabalho,

em que se reúnem artigos dispersos do A., todos, porém, ligados por um pensamento comum, é que o publicista não se limita a apontar os males e acode também com o receituário da salvação.

O SUCESSO PELA VONTADE : *Orison Swett Marden.*

Num tempo em que a volição é o maior dom dos triunfadores, os livros d'este teor tem lugar saliente na bibliografia destinada aos adolescentes. E tanto isto é compreendido lá fora, que os livros de Marden, o amável filósofo americano que não nos aparta da vida mas antes nos ensina a penetrar-lhe os mistérios, em cujo seio resida um bem para a humanidade, estão gosando de enorme difusão. Isto começa também a operar-se entre nós, como o atestam as traduções já existentes das obras do mesmo A., *Alegria de viver* e *Milagres do Amor*. No presente volume, cuja tradução é de J. Martins de Almeida, que a trabalhou com a consciencia das suas responsabilidades, compendia-se tudo o que, no entender do A., basta para assegurar honestamente a vitória a quem disponha de carácter e o aplique num único propósito.

A MALTA DAS TRINCHEIRAS : *André Brun.*

E' a 4.^a vez que se imprime esta obra, das mais cuidadas que o A. ainda escreveu e também das mais curiosas da nossa bibliografia da Grande Guerra. Em páginas, ora facêtas ora sentimentais, fixam-se neste livro aspectos muito interessantes da vida que os nossos *serranos* levaram nas trincheiras da Flandres. O A., que meses longos andou por lá e teve, portanto, seu razoável quinhão nas alegrias e nas tristezas dessas horas de campanha, pôde transmitir a estas crónicas uma vivacidade muito sentida.

Já compostas, tivemos de adiar para o próximo caderno muitas notas sobre livros que a falta de espaço impediu de terem inclusão neste.